

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 CATARINA RODRIGUES,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA NUNES CALDEIRA

JULHO DE 2021 • nº 43

AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura

De partida para férias...

Concluído mais um ano letivo na UAc, já de malas prontas para férias, o *AGORA* foi espreitar algumas das muitas e interessantes iniciativas que ainda vão acontecendo na UAc e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH).

Antes da esperada partida, a rubrica *Agora* foi espreitar o calendário académico para o próximo ano letivo enquanto a rubrica *Ágora* ouviu os propósitos do ESCUTA, um projeto emancipatório de inovação pedagógica no ensino do Serviço Social na UAc.

A *Conversa Escrita* deste mês partilha as memórias e os projetos de Margarida Landa, reconhecida professora e investigadora da FCSH recentemente aposentada, no rescaldo de 4 décadas de dedicação à UAc.

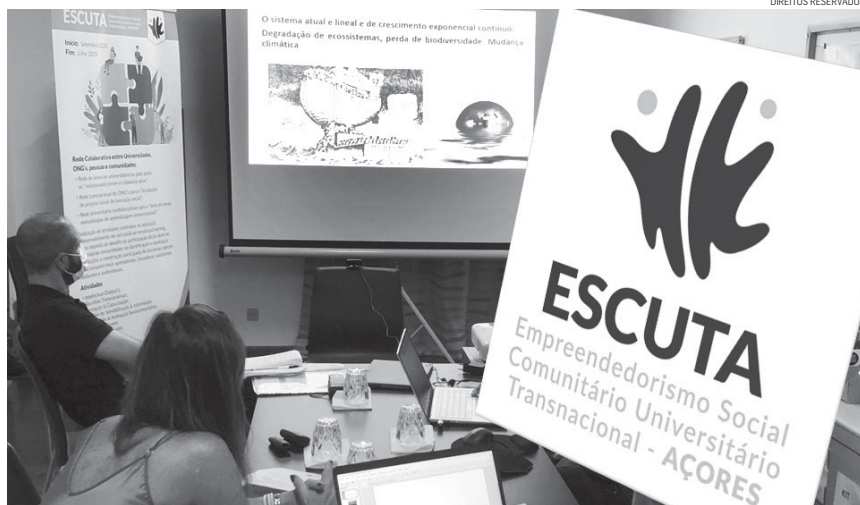
E em maré de despedidas e memórias, *Agora* é moda despede-se das reflexões sobre a posição dos nossos retângulos na ordem informática das coisas, em webinários de pantufas, a estudante *ERASMUS* Maria José Pagés despede-se dos pequenos grandes detalhes da sua passagem pela ilha em *Agora é hora*, em *Alumni*, Melânia Castro, nossa antiga aluna, partilha especiais memórias da sua passagem pela UAc.

ADOLFO FIALHO
 (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

ESCUTA: um projeto de inovação pedagógica na UAc

O Projeto ESCUTA é uma parceria estratégica transnacional - Açores-Espanha-França -, financiada pelo Programa Erasmus+ que consolidou uma Rede Colaborativa entre Universidades (UAc e UEX), ONG's (Kairós; EBR; Clas Sol Violette) e comunidades locais. Está a permitir o desenvolvimento de diversos contextos e ambientes de ensino-aprendizagem emancipatória potenciadores do desenvolvimento de 'competências sociais e emocionais' de alunos universitários. De acordo com o Código Deontológico dos Assistentes Sociais, estes, no seu exercício profissional devem comprometer-se com "a capacidade de emancipação de famílias, pessoas e comunidades". Para que este desiderato seja possível é necessário um ensino/aprendizagem que inclua "inteligências múltiplas" e que se tenha presente que "não existe justiça social global sem justiça cognitiva global". O projeto foi concebido neste contexto, através do diálogo entre organizações da sociedade civil e universidades, com o objetivo de superar a ausência de interconhecimento entre estes atores sociais, mas tam-



'O Projeto visa "desenvolver competências sociais e emocionais" de alunos universitários', explica Eduardo Marques.

bém ultrapassar a discrepância entre a teoria e a prática. Apos-tou-se numa "pedagogia centrada nas ecologias de saberes, privilegiando um diálogo entre conhecimentos científicos e conhecimentos artesanais". Estão a ser criadas pontes que permitem ultrapassar a falta de teorias que ajudem as organizações a refle-

tir analiticamente sobre as suas práticas e a clarificar métodos e objetivos. Novas oportunidades surgem e permitem a realização de aprendizagens em ambientes sociais diferentes da universidade convencional, permitindo que professores e alunos passem mais tempo juntos, dentro e fora da universidade a tentar resolver

problemas sociais complexos. Estamos juntos no "Corazonar", enquanto agir criativo que visa a resolução de problemas e que se assume como uma responsabilidade pessoal acrescida de entender e mudar o mundo.

EDUARDO MARQUES
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Júlio Oliveira, aluno da FCSH, fala das suas viagens pela escrita, entre a UAc e a vida

página 2

Alumni

Melânia Castro recorda a Filosofia na UAc como um projeto para a vida

página 2

Conversa Escrita

Margarida Landa faz um balanço de quatro décadas ao serviço da UAc

página 3

Agora

UAc prepara regresso às aulas

O *Agora* vai de férias em agosto, mas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e em toda a Universidade dos Açores (UAc) a preparação do próximo ano letivo

vo já está em andamento. Parte importante dessa preparação é a fixação do calendário letivo para 2021-2022. Assim, para o Ensino Universitário, podemos já contar com o início das aulas a 4 de outubro, com o primeiro semestre a terminar a 28 de janeiro de 2022 e o segundo semestre a ter lugar de 7 de março a 24 de junho. As férias de Natal decorrerão de 20 a 31 de dezembro; as de Carnaval de 28 de fevereiro a 2 de março e as da Páscoa de 11 a 18 de abril. Quanto a épocas de exame, e como já é habitual, as do 1.º se-



As aulas recomçam a 4 de outubro.

ANDRÉ MENDONÇA

mestre ocupam o mês de fevereiro e as do 2.º semestre o mês julho do próximo ano.

É ainda de relembrar que no próximo mês de setembro, de 13 a 21, há a época especial, que excepcionalmente este ano é alargada aos estudantes de qualquer ano curricular (inscrições em exames até ao máximo de três unidades curriculares), desde que cumpram as condições estipuladas pela UAc. Agora é descansar e recuperar energias. Boas férias!

ANA CRISTINA GIL
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Falemos de Vida

Júlio Oliveira é aluno do 1.º ano da Licenciatura em Estudos Portugueses e Ingleses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores

Em novos, somos aconchegados a pensar que já somos tudo e sabemos tudo sem termos lido, e vivido, absolutamente nada (alguma vez leremos, e viveremos, alguma coisa?). Mas é da escrita que vai surgindo um veio de aprendizagem e de constatação que faz parte do nosso próprio crescimento. Uma coisa que fui percebendo ao longo destes sete anos de escrita contínua é que a literatura, nomeadamente por via da escrita, é

um paralelo sem paralelo e um paradoxo sem paradoxo. Isto é, a escrita aparece connosco, se já está dentro de nós propensão para ela, que, desenvolvida, pode ambicionar alguma coisa como a vida. Sim, porque qualquer forma de expressão escrita tem de ser *vida*. O texto deve sustentar-se a ele mesmo, saber andar sobre si mesmo, e deve enquadrar-se, pensante, alinhado com a imprudência de ser, isso mesmo, imprudente. Mais importante do que o texto ser fiel a quem o escreve, é ser fiel ao que descreve. Costumo pensar que nenhum poema, por exemplo, pode efetivamente sê-lo, ou ambicionar sê-lo, sem que o sujeito poético tenha *vidido*. *Vivido*. Sim, o sujeito poético, qualquer um, tem de se aperceber do que é, do que está à sua volta, e compreender que nada é fácil, facilitado, e que a escrita serve como espelho fiel disso



“Qualquer forma de expressão escrita tem de ser *vida*”, realça Júlio Oliveira.

mesmo. Vivido uma vida, ou parte dela, ou *vivê-la* de uma forma absolutamente normal, banal, desperto para os batimentos cardíacos constantes, pulsares da Natureza. Não se nos é exigente o texto, ou ele não se nos exige mais, do que nós próprios. Do que somos e do que vemos e sentimos. A maior

ou menor qualidade do texto reside no grau, maior ou menor, de *fidelidade* às causas sobre as quais se debruça. O dia em que escrever fielmente sobre uma maçã será o dia mais feliz da minha vida. O objeto é uma captura, mais do que de imagem e eventualmente som e tato, de *vida*. A vida, em si, vai

para além do materializável. É um depósito que, escrutinado e decomposto, tem de ser organizado, racionalmente, e descrito, com fidelidade, não por mero astuto de visão, mas por virtude de compreensão, estilo e norma.

JÚLIO OLIVEIRA
(ESTUDANTE DA FCSH)

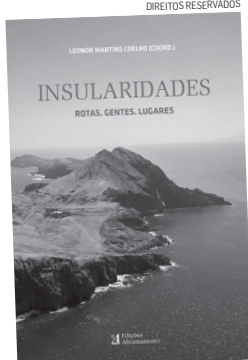
O Doutoramento em Literatura e Culturas Insulares lança livro sobre temáticas das ilhas

O Doutoramento em Literatura e Culturas Insulares lançou o livro *Insularidades: Rotas. Gentes. Lugares*, com coordenação de Leonor Martins Coelho, diretora do curso na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, e com nota de abertura, intitulada “Pensar as Insularidades”, de Dominique Faria, diretora do curso na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores. O volume, publicado pelas edições Afrontamento, reúne um conjunto de 7 artigos da autoria de Irene Lucília Andrade, Leonor Martins Coelho, Ana Isabel Moniz, Rui Guilherme Silva, Lélia Pereira Nunes, Sílvia Gomes e Susana Caldeira, pretendendo contribuir para a reflexão comparativa e multidisciplinar sobre os Estudos Insulares.

O Doutoramento em Literaturas

e Culturas Insulares é um curso interuniversitário e internacional, que junta as universidades da Madeira, dos Açores e da Córsega e o INALCO (Institut National des Langues et Civilisations Orientales - Sorbonne Paris Cité), em torno da temática das ilhas.

DOMINIQUE FARIA
(DOCENTE DA FCSH)



DIREITOS RESERVADOS

Alumni

Filosofia na UAc - um projeto para a vida

O estudo iniciado na UAc, no *campus* de Angra do Heroísmo, com a licenciatura em Filosofia e Cultura Portuguesa (pós-laboral) permitiu-me concretizar o sonho de uma vida. A licenciatura foi a primeira e a única licenciatura em Filosofia até ao momento lecionada na Terceira, o que torna o saudosismo da memória ainda mais especial. Tive a oportunidade de trabalhar com um corpo docente extraordinário, Gabriela Castro, Marta Barcelos, Magda Carvalho, Berta Miúdo, Rui Sampaio, o saudoso Carlos Cordeiro, Rosa Goulart, José Luís Brandão da Luz, professores competentes, dedicados e com um enorme sentido de responsabilidade. Foi uma experiência única, enriquecedora que acrescentou valor ao meu currículo. Este percurso académico transitou pela triade do debate filosófico - questionar, refletir e agir - permitiu-me estar na companhia dos grandes mestres: Platão,

Russell, Heidegger, Hans-Georg Gadamer e tantos outros. Todos me transmitiram algo precioso. A UAc foi esse início *continuum* de ponte, quer por ser uma estrutura que se projetou no meu espaço interior e com a qual adquiri conhecimentos e qualificações adequadas para a formação da minha identidade, quer posteriormente pela formação da minha filha, em Psicologia. Penso a UAc nesse enquadramento de modelo de qualidade, uma “universidade de filosofia”, que permite o aprofundamento do conhecimento científico e o participar na dimensão mais universal do ser humano: a sede pelo conhecimento perante a consciência da máxima socrática “só sei que nada sei”, mas que não paralisa o desvendar de perspectivas e o encontrar soluções para os problemas atuais. Acredito que a continuidade da Filosofia na UAc contribuirá para que futuros projetos educacio-



Melânia Pereira de Castro
é licenciada em Filosofia e Cultura Portuguesa pela UAc

nais sejam bem sucedidos, pois estes integram conhecimentos universais que conduzem inevitavelmente a uma fusão de novos horizontes de saberes. O estudo na UAc foi o traçar de um novo plano de pensamento para a vida e o início de uma relação de continuidade pela via futura de participação nestes projetos de aprendizagem. Afinal o mais importante não será manter a unidade, a interdependência dialética entre a vida e o estudo, entre o que é e o seu devir?

MELÂNIA CASTRO
(ANTIGA ALUNA DA UAC)

Agora... a Prof. Doutora Margarida Sá Nogueira Lalanda

“A ultraperiferia geográfica e a excelência científica podem conviver”

Margarida Sá Nogueira Lalanda, doutorada em História pela Universidade dos Açores, docente e investigadora na UAc ao longo de 38 anos, é nossa interlocutora neste número do *Agora*, que fecha o semestre em que se aposentou. A historiadora, cujos estudos da vida religiosa conventual feminina nos séculos XVI a XVIII são particularmente conhecidos, faz o balanço de uma carreira de entrega às atividades de professora, investigadora, autora, orientadora e membro ativo da comunidade universitária da UAc e partilha o seu atual quotidiano, dividido entre publicações científicas, pesquisas históricas e diferentes projetos pessoais relacionados com leituras, viagens, memórias e objetos de família.

Ensina e investiga História na UAc desde 1982, doutorou-se em 1996 e aposentou-se em abril de 2021. Qual o balanço que faz deste percurso?

Toda a minha vida profissional consistiu em ser docente de carreira, de História, na UAc, de novembro de 1982 a março de 2021. Gostei muito de o ser, com tudo o que isso significou de tipos de trabalhos desenvolvidos enquanto professora, estudiosa, comunicadora, investigadora, autora, orientadora, co-decisora na comunidade universitária. Foi um crescimento conjunto, de mim e da instituição. Organizei e lecionei muitíssimas disciplinas, em todos os graus de estudos. Colaborei empenhadamente na formação - quero acreditar que científica e pessoal - de vários milhares de estudantes de quem fui professora e com quem interagi em aprendizagens recíprocas. Gostei especialmente de fa-



DIREITOS RESERVADOS

“Escolhi licenciar-me em História quando percebi que quase tudo o que se vive e acontece no presente depende muitíssimo do passado”, partilha Margarida Lalanda.

zer em simultâneo a docência e a investigação e discussão de ideias, que vejo como complementares. Isso enriqueceu-me imenso em termos de experiência de vida.

Numa entrevista publicada em 2019, a Professora Margarida dizia que um dos motivos pelos quais tinha escolhido a área científica da História era o desejo de conhecer o presente...

Escolhi licenciar-me em História quando percebi que quase tudo o que se vive e acontece no presente depende muitís-

simo do passado de cada sociedade e das relações desenvolvidas entre pessoas e comunidades ao longo do tempo. Havia tanta situação à minha volta que eu só tinha conseguido compreender após conhecer a sua origem e os contextos da sua evolução, e nas diferentes perspetivas dos seus participantes, que achei que a melhor via para combater essa minha enorme ignorância e ser útil a mim e à sociedade era ir aprender como nasceu e se desenvolveu tudo.

Tem estudado a história insular e aço-

riana, a história de práticas culturais e vivências religiosas, a informação, a documentação e os arquivos, a relação entre história e comunicação... De todos estes temas, há algum mais estruturante?

Como investigadora e autora fiquei definitivamente associada ao estudo da vida religiosa conventual feminina nos séculos XVI a XVIII, que insiro na temática mais vasta que acarinho: a história da sociedade.

É natural de Lisboa e não iniciou o seu percurso académico na UAc... Quais são as vantagens e desvantagens de ensinar e investigar, vivendo numa ilha no meio do Atlântico?

Nacional e internacionalmente, ser “da” UAc e viver a condição insular atlântica ultraperiférica trouxe vantagens e inconvenientes. Destes saliento a frequente impossibilidade de, por razões orçamentais, trazer os especialistas desejados ou participar em júris académicos e em iniciativas científicas sem financiamento para deslocações. Das vantagens destaco a reconhecida alta qualidade da investigação realizada na UAc, em geral, exigida e construída desde 1976 também como necessária para provar que a ultraperiferia geográfica e a excelência científica podem conviver.

Aposentou-se ainda muito recentemente. Nesta altura, pesam mais os projetos profissionais ou pessoais?

Aposentei-me em 1 de abril, há quase quatro meses. Mas ainda não consegui desfocar-me de compromissos profissionais... Tenho-me dedicado quase só a tentar aprontar para publicação ainda neste ano todos os textos que tinha pendentes, empreitada que está a ser muito mais cansativa e lenta do que o que eu supunha. Quando terminar, daqui a umas semanas, desejo passar a repartir o meu tempo de formas muito variadas: fazendo mais leituras de lazer; dedicando-me a um extenso e muito demorado projeto que de há anos quero realizar, com documentos notariais micalenses do século XVII; organizando as muitas fotografias e objetos de memórias da família e dando-lhes em casa a visibilidade adequada; investigando e escrevendo para as iniciativas em que eu escolher participar; viajando e estando com as pessoas de quem mais gosto, que vivem em diferentes lugares.

MARIA DA LUZ CORREIA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

O webinar

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO Mestrado em Pré-PRI da FCSH)



Todos olham em frente, mas quem observa quem?

O webinar resulta da fusão de duas palavras - web e seminário - significando seminário realizado através da internet para fins educativos. Pode ser uma conferência ou uma aula, com um ou mais oradores.

Depois de ler o parágrafo anterior, reparo que esta definição objetiva é incompleta quanto à experiência complexa e transformadora proporcionada por esta moda. Ela afeta-nos do ponto de vista visual, auditivo e locomotor.

Passamos a ver-nos através de pequenos retângulos, o que não é original, pois a mirada no espelho, na fotografia, no vídeo caseiro haviam-nos preparado para a autocontemplação. O que torna a experiência singular é não sabermos para quem os colegas de painel estão a olhar.

A dúvida visual alavanca todo um conjunto de inseguranças que re-

montam à filosofia antiga: já sabíamos que nada sabemos, mas não sabíamos que não vemos o que vemos. Por outras palavras, a pessoa dá por si a pensar: em que posição está o meu retângulo na ordem informática das coisas? É um questionamento deveras incómodo - aflige-nos a incerteza quanto à direção do olhar: todos olham em frente, mas quem observa quem? Como retribuir um sorriso, desviar a cara, baixar os olhos?

Se, por infelicidade, alguém decide colocar a câmara de lado, a confusão amplia-se: o par de olhos que só se mostra de perfil é sobranceiro, ilude e tenta evadir-se ao escrutínio - quiçá sugerir que não somos dignos de o sustentar os olhos.

Do ponto de vista auditivo, perde-se irreversivelmente a oportunidade de falarmos todos a

mesmo tempo, uma experiência jubilosa, precursora do concurso de gritos, do soco na mesa, da porta atirada com força. O sistema não aceita duas vozes em simultâneo (por vezes, nem sequer, o áudio ligado). No máximo, é permitido o sóbrio desligar da câmara, comparável a silencioso cerrar de pálpebras.

E a locomoção... Que é feito do inclinar da cabeça para segredar um aparte; do sair para apanhar ar fresco e demorar à conversa; do desenhar gatafunhos na folha de papel?

Não, um webinar não é apenas um seminário que se realiza na internet - é um admirável mundo novo que começa ao nível do chão, com pantufas nos pés, e nos deixa perdidos na invisibilidade do visível.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora é hora

A minha experiência ERASMUS

Sou espanhola e vivo com a minha família em Valência, Espanha.

Sem saber como, acabei numa das nove ilhas de Arquipélago dos Açores. No início, admito, estava assustada e não me conseguia imaginar um ano a viver longe de casa. Mas essa insegurança desapareceu, porque vivi com pessoas maravilhosas durante este período.

Aproveitei o mês de setembro para, em conjunto com outros companheiros Erasmus, conhecer um pouco a ilha de São Miguel, acampar e realizar muitos outros planos que o bom tempo permitiu. Com alguns deles comecei a ter aulas de *surf* e isso permitiu-nos conhecer pessoas "locais" e praticar o nosso português.

Por várias razões, passei o Natal aqui em São Miguel. Defino-me como uma pessoa muito próxima da minha família e, como não estava em casa, houve dias que foram mais difíceis do que outros. Mesmo assim, não passei as férias sozinha, e sim com a nova família que, entretanto, tínhamos formado.

No segundo semestre voltou o bom tempo e entraram novos alunos. No final das aulas, tínhamos uma mochila com tudo o que precisávamos (sempre com uma gabardine) e íamos mergulhar, surfar ou jogar voleibol na praia. Se há algo que

esta ilha oferece a cada um, é uma multiplicidade de oportunidades. Também tive a sorte de poder viajar para outras ilhas e conhecer pessoas altruístas, sempre prontas a ajudar.

Uma das coisas que aprendi neste ano Erasmus foi a acreditar um pouco mais em mim: consegui fazer um ano do meu curso, na Universidade dos Açores, com aulas em português, e pratiquei atividades que nunca me tinha atrevido a fazer antes (surf e escalar). Mas, acima de tudo, desenvolvi uma grande sensibilidade e um elevado respeito pela diversidade humana, pois quando sai a minha "bolha", em Valência, conheci pessoas muito diferentes de mim, tanto em relação aos seus contextos de vida como em relação aos seus pensamentos e ideias. Adoro os pequenos detalhes, e estando aqui aprendi a apreciá-los ainda mais: receber uma carta, um pacote com comida ou um *post-it* desejando sorte nos testes.

A verdade é que, por ser um destino paradisíaco, decidi que a minha família e amigos me viriam ver. Com a pandemia COVID-19, tal não foi possível. Mas isso tem o seu lado bom, porque assim posso voltar quantas vezes forem necessárias para mostrar a todos o que esta ilha me deu.

MARÍA JOSÉ PAGÉS
(ESTUDANTE DA LICENCIATURA
EM PSICOLOGIA DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Agora Veja

Tudo é uma questão de tempo

Rui Freitas

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



María José Pagés admite voltar para mostrar a todos o que a ilha lhe deu.

Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Ana Cristina Gil, André Mendonça, Carla Medeiros, Dominique Faria, Eduardo Marques, Júlio Oliveira, Leonor Sampaio da Silva, Maria da Luz Correia, Maria José Pagés, Melânia Castro e Rui Freitas.